

FUNDAMENTOS EM MITOLOGIA GREGA E ROMANA

Wellington Ferreira Lima

1 – Explicações Preliminares

Este curso visa a oferecer uma base empírica desta área que veio a constituir o maior tesouro de imagens do Ocidente, melhor dizendo, fazer uma apresentação deste valioso fragmento de cultura constituído pelos mitos gregos e romanos. Também pretende-se munir o cursista e possível leitor deste *post scriptus* de algumas ferramentas importantes, quiçá indispensáveis, para a análise destes.

Se considerarmos o tripé descrição-interpretação-explicação como níveis do método para a análise do fenômeno humano-social, este trabalho concentrar-se-á, sobretudo, no primeiro destes níveis, fazendo, por vezes, tímidas incursões no âmbito da interpretação, valendo-se, para tal, de estudos de autores já consagrados.

Se há, portanto, algum mérito neste trabalho, tal não advém de nenhuma idéia, análise ou pesquisa inédita, mas, sim, de uma leitura tão cuidadosa quanto possível das fontes – esquecidas por muitos de nós, seja por sua escassez no mercado editorial brasileiro, seja pela falta de recursos de nossas bibliotecas – e de visitas tão freqüentes quanto reverentes a estudiosos como Dumèzil, Jacyntho L. Brandão e Jaa Torrano.

Isto se dá pela própria natureza que cremos haver o mito. Os mitos antigos, como afirma este último, referem-se ao numinoso, uma categoria aplicada àquilo que pertence às esferas do inefável e do nefando, ou seja, ao que não deve e não pode ser dito ora por sua sublime existência ora por sua terrível substância. Esta consideração impede de imediato qualquer conclusão definitiva que poder-se-ia tirar a respeito de tal ou qual mito, daí, o podermos apenas repeti-los pelos mesmos meios pelos quais eram manifestados pelos arcaicos – bem entendido o sentido de origem da raiz *arkhé* desta palavra – i.e., a linguagem. É por ela que poderemos vislumbrar algum sentido, pois, se o objeto numinoso está longe da nossa compreensão, a manifestação deste objeto se dá, para nós, através da linguagem dos homens antigos e esta, sim, é passível da nossa reflexão.

É, em última instância, à descrição da linguagem dos mitos que se dedicam estas páginas.

2 – Gênese do Universo e Origem dos Deuses

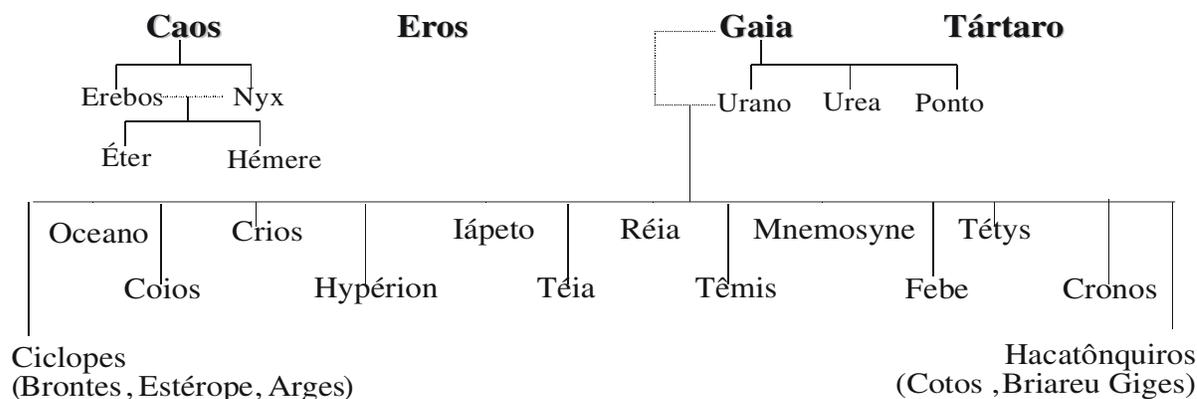
Sim bem primeiro nasceu Caos, depois também
Terra de amplo seio, de todos sede irresvalável sempre,
dos imortais que têm a cabeça do Olimpo nevado,
e Tártaro nevoento no fundo do chão de amplas vias,
e Eros: o mais belo entre Deuses imortais,
solta membros, dos Deuses todos e dos homens todos
ele doma no peito o espírito e a prudente vontade.

Do Caos Érebus e Noite negra nasceram.
Da Noite aliás Éter e Dia nasceram,
Gerou-os fecundada unida a Érebus em amor.

Terra primeiro pariu igual a si mesma
Céu constelado, para cercá-la toda ao redor
e ser aos deuses venturosos sede irresvalável sempre.
Pariu altas Montanhas, belos abrigos das Deusas
ninfas que moram nas montanhas frondosas.
E pariu infecunda planície impetuosa de ondas
o Mar, sem o desejoso amor. Depois pariu
do coito com Céu: Oceano de fundos remoinhos
e Coios e Crios e Hipérion e Jápeto
e Téia e Réia e Têmis e Memória
e Febe de áurea coroa e Tétys amorosa.
E após com ótimas armas Crono de curvo pensar,
filho o mais terrível: detestou o florescente pai.¹

Estes são os primeiros versos, após o próêmio feito às Musas, da Teogonia de Hesíodo. Neles está a nossa melhor fonte, talvez, mais completa para a visualização dos deuses chamados Primordiais. Ele nos apresenta a origem do mundo pelo quádruplo Caos, Gaia, Tártaro e Eros além da primeira linhagem do Caos e a famosa geração dos Titãs. Os versos seguintes a estes narram o nascimento dos Ciclopes, seres símiles aos deuses exceto por terem único olho na testa e dos Hecatônquiros, seres de indíizível força de cujo tronco brotam cem braços e cinqüenta cabeças. Isto encerra o que poderíamos considerar a primeira teofania. Estes deuses estão organizados segundo a genealogia:

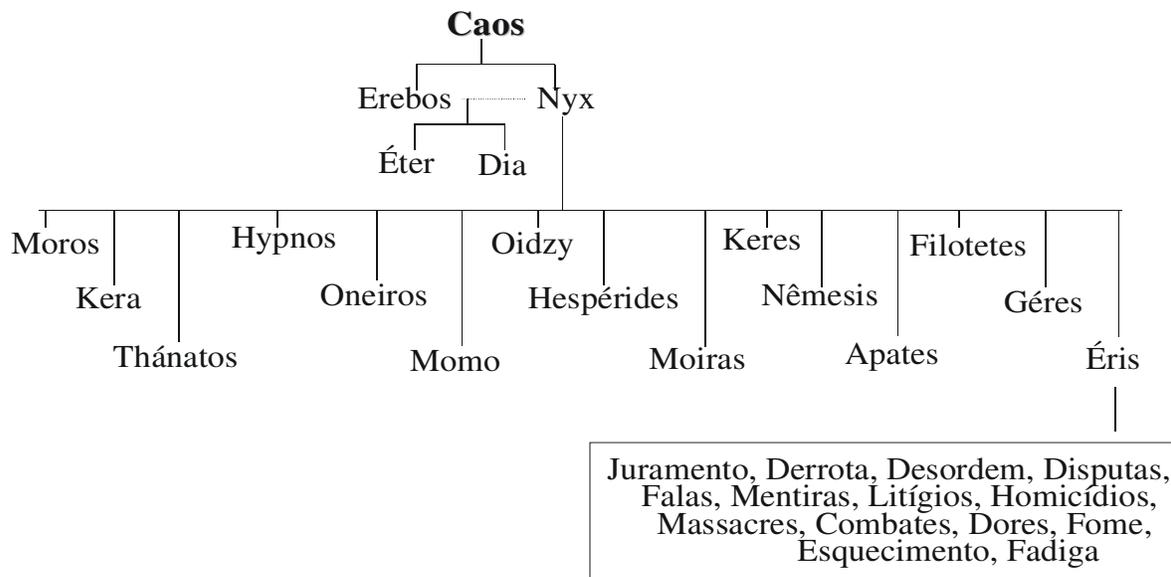
¹ HESÍODO, 2003:111



A presença deste diagrama não é vã. Longe disso, ele é muito importante como representação do texto anterior. Isto porque há três maneiras de se circunscrever um deus, de determinar sua *timé*: primeiramente, o nome de uma divindade traz muito do que ela é, como Coios, cujo nome diz côncavo, ou Febe, cujo nome tem a mesma raiz de luz. Da mesma maneira podemos tirar algumas conclusões, ou melhor, fazer algumas deduções de Hypérion, o que caminha pelo alto. A segunda maneira são os epítetos que lhes atribuem algumas características. A Terra é a sede de todos, leito irresvalável para o sempre. Gaia é o seio eterno sobre o qual todo o universo será edificado, no qual todos os deuses e coisas encontrarão seu repouso ou lar. E finalmente, sua posição na genealogia, seja, talvez, a maneira pela qual a divindade melhor se apresente: o preceito é que os antepassados possuem implicitamente os descendentes da maneira que estes haverão aqueles explicitamente. Isto tornar-se-á mais claro adiante.

Comecemos nossa tentativa de circunscrever as divindades da árvore anterior: Já foi dito que Gaia é o leito inconcusso sobre o qual o mundo se assenta. A primeira criação da Terra é o Céu constelado, seu par simétrico, seu duplo masculino, capaz de envolvê-la toda e sede dos deuses venturosos. É Urano que fecundará a Terra para que esta gere a linhagem dos titãs, pais dos deuses olímpicos, principal linhagem do mito. Mas, assim como o Céu é seu duplo positivo, Gaia tem no Tártaro seu duplo negativo: tão longe da Terra quanto esta é do Céu, Tártaro está no fundo do chão de amplas vias. Tártaro é o abismo infindo no qual tempo e espaço são indiscerníveis.

Caos, por uma esquizogênese, gera Noite e Érebo, a própria escuridão. A compreensão do que é o Caos fica-nos mais próxima se observarmos toda sua linhagem:



Lote, Sorte (que opõe-se à boa sorte Fortuna), Morte, Sono, Sonhos, Escárnio, Miséria, Hespérides (guardiãs do jardim dos confins do mundo), Moiras (destinos dos homens e dos deuses que determinam até que ponto estes podem ir, em outras palavras, que regulamentam o que eles não podem ser), Keres (Fiandeira, Distributriz e Inflexível), Engano, Ambição e Discórdia. Eis os filhos da Noite pelo mesmo princípio de cissiparidade que a originou do Caos. Percebamos que os únicos descendentes da Caos que possuem alguma acepção de positividade num sentido, digamos, ontológico, são o Éter, abóbada resplandecente do céu e Hémere, o Dia (em grego, palavra feminina). Ambos se originam pela união de dois seres Noite e Escuridão. Pela ação do Eros um par evidentemente de sentido negativo origina um par que lhe é diametralmente oposto, enquanto todos os outros descendentes da Noite são símiles à sua natureza de não-Ser.

Ora deduzimos que o Eros, solta-membros, princípio que rege toda criação pela união de seres opõe-se ao Caos, este como um princípio de geração por esquizogênese. Enquanto o Eros, que une por laços seres cuja união originará parte do mundo, o Caos é um ser que, através de suas descendentes Nyx e Éris, mostra-se como um reprodutor independente, um gerador por divisão. Esta oposição entre união e divisão é, em última instância, a própria oposição entre o Ser e o não-Ser, se percebermos quem são os frutos destas ações.

A natureza concisa deste trabalho não permite que nos debrucemos em todos os nomes da genealogia, basta dizer que as Montanhas são seres inférteis e que do Mar originou-se uma linhagem de monstros que será conhecida nas histórias em que são combatidos pelos heróis

filhos de deuses, exceto Nereu, o velho do mar que unido a oceânide Dóris, ou Dádiva, gerará as nereidas, ninfas das águas que se unirão a vários deuses e heróis.

Falou-se há pouco de oceânides, é necessário saber que estas são as três mil filhas de Oceano, grande rio que circunda o mundo, segundo a concepção, digamos, geográfica do mito e Tétys, a nutriz, princípio feminino do elemento líquido. São também seus filhos todos os rios do mundo.

Téia (a “divina”) uniu-se a Hypérion e estes geraram Eos, a Aurora dedos-de-rosa; Celene, a lua; e Hélios, o Sol. Completam o conjunto de corpos celestes a linhagem de Febe (brilhante) e Coios (côncavo): Leto, cujo nome talvez se associe ao verbo λανθανειν, “esquecer” ou a, talvez o mais provável, língua dos antigos Lícios em que quer dizer “senhora”. O fato é que Leto se define melhor pelos seus filhos Apolo e Ártemis – ou Diana – os quais portam consigo a luz celeste conforme se verá mais adiante. Sua irmã é Astréia, cuja raiz *aster* é a mesma que dará origem a “estrela”. Esta se unirá a Perses, filho de Crios, duplo de Coios, e dará origem à Hécate, uma deusa “nutriz de jovens”, associada à madrugada.

Também são filhos de Crios Astreu, que com a Aurora gerou os Ventos (Euro, Bóreas e Noto) e os astros, e Palas. Palas, por sua vez, se une ao rio Estige e estes geram Zelo, Niké (Vitória), Poder e Violência. Os cinco últimos são muito honrados por Zeus por serem os primeiros a compor suas fileiras quando este decreta guerra aos titãs. Estige é invocado como o mais sacro juramento dos deuses e seus filhos são colocados ao lado de Zeus, o que lhes dá sua importância – mais que sua própria substância, filosoficamente falando – equivale dizer, que estas divindades fazem-se, digamos, úteis à medida que estão ao lado de Zeus. Isto ficará mais claro adiante

3 – Organização do Mundo

O tempo segundo este pensamento não é o tempo linear e alheio a qualquer coisa que aconteça. O tempo aqui é resultado de uma relação entre Ser e Poder, i.e., o tempo não está acima dos acontecimentos mas se dobra sobre os mesmos de acordo com sua importância. Assim o tempo não passa regularmente ante o nascimento de um deus, ele deve se dobrar sobre si mesmo, reconfigurado pela potência do ser nascente. Assim, não seria correto pensar-se em divindades sucessivas e nem sequer contemporâneas, mas sim num conjunto de teofanias. Estas teofanias são momentos que se encerram numa permanência perpétua, que é a própria permanência da divindade.

Assim podemos pensar as gerações que se passaram como a idade de Urano. Um período marcado pela superabundância fecundante do Céu e de toda geração cuja finalidade parece a de reproduzir-se num frenesi contagiante. Esta criação é regida, principalmente, por Eros, que doma no peito o espírito e prudente vontade. Eros é uma potência incontável, mesmo pelo próprio Zeus, senhor dos deuses: “Júpiter para o Amor: tuas flechas, tirarei todas./ E o alado: um trovão e voltarás a ser cisne.” diz um dístico antigo mostrando a impotência de qualquer um perante o princípio de criação que constitui o Eros.

A idade de Cronos se faz através de seu confronto com o pai. Diz o mito hesiódico que Gaia instigou seus filhos titãs contra o pai por este ter tramado contra seus filhos. Apenas Cronos atendeu ao chamado. Cronos, o responsável pelas mudanças é representado pela foice com que castrou Urano. Cronos se ocultou no seio da mãe e quando Urano se aproximou sedento, saltou sobre ele, castrou-o e lançou seu membro – falo, que simboliza muito bem a avidez reprodutiva do reino de Urano – na Terra. Esta foi a última fecundação desta pelo Céu. A foice, tão curva quanto é o seu “curvo-pensar” que será imperador desta teofania.

Deste ato de Cronos surgirão as ninfas chamadas Freixos, os gigantes, seres de robustez e belicosidade marcantes; Afrodite, a qual nasce do sêmen de Urano nas águas de Chipre e as Erínias (Alete, Tisífone e Megera), espíritos punitivos, nascidas do sangue de Urano, mais temidas que qualquer outro por deuses e homens.

Por palavras de Urano e pelas Erínias, Cronos deveria, tal qual o fizera, ser destituído por um filho. Para evitá-lo, Cronos mostra mais uma vez seu curvo-pensar: espera em tocaia que Réia, a quem desposara, parisse cada um de seus filhos para que tão logo viessem à luz, os tomasse e os devorasse. Contudo, quando nasceria Zeus, Réia fugiu para Creta, entregou o futuro rei para os sacerdotes Coribantes e deu a Cronos uma rocha que este imediatamente engoliu pensando tratar-se de seu filho.

Conforme já foi dito, percebe-se que esta teofania é marcada pela astúcia e pelo engodo. O próprio Eros dá lugar à Afrodite a quem coube entre deuses não só a meiguice e o doce gozo mas, inclusive os enganos. A união não mais regida por um impulso fecundante mas pelo intelecto sedutor.

É Zeus o regulamentador do mundo conforme os homens conhecem. Livrando os tios Ciclopes, foi presenteado com o raio, sua arma, e com a ajuda dos irmãos e dos Hecatônquiros lança Cronos e seus aliados no Tártaro. Os titãs não são mortos, pois são divindades, logo, imortais. Porém, o serem lançados no Tártaro limita sua *timé* para uma não-atuação.

A *timé* de um deus é o seu âmbito, que, em última instância, é próprio deus que não é, senão, um pólo de forças ativas. A limitação da *timé* constitui a limitação do Ser dos titãs, os quais não deixam de existir mas são limitados a uma alteridade que os anula enquanto forças.

Esta teofania está marcada pelo “grande espírito” de Zeus. O *mega noós* representa a magnífica percepção do mundo pelo senhor dos deuses que, através de uma série de uniões e descendentes, reconfigurará o mundo segundo esta sabedoria. A primeira das uniões de Zeus é com Métiis, filha do Oceano. Perceba-se que o Oceano representa a um só tempo os limites da terra e a presença total e absoluta nesta terra. O Oceano circundante encerra todos os lugares não importa quão possam ser desconhecidos pelos demais. Assim, este elemento também é vinculado ao saber, e sua filha Métiis associa-se a esta face do pai: Métiis é a Prudência. Após tê-la possuído em seu leito, Zeus a devora. Desta forma, Zeus não extermina sua existência mas incorpora-a para si mesmo. À parte as considerações de que numa sociedade tão patriarcal quanto era a sociedade grega arcaica não poderia consentir a Prudência como atributo feminino, o certo é que Zeus consolida o seu poder incorporando ao seu grande *noós*, a Prudência. Desta união, Zeus dará a luz a Palas Atena, deusa do saber que nasce em armas por ter nascido através de uma pancada na cabeça de seu pai.

As filhas seguintes de Zeus são as filhas da Justiça (Thêmis), as Horas e as Moiras. Estas opõem-se às Moiras, filhas da Noite, sendo as divindades que demarcam os destinos dos seres, não como limites, mas como potencial, divindades com valor positivo em oposição ao valor negativamente marcado das outras Moiras. As Horas, por sua vez, representam a ordenação do mundo segundo estas Estações, que não se confundem com as estações (primavera, verão, outono e inverno) mas, são, sim, as ordens política, social, natural e temporal, todas feitas uma unidade pelo pensamento arcaico.

As Graças ou Khárites, de cujo olhar esparge-se o Amor, componentes do cortejo de Afrodite, são as filhas de Zeus e da oceânide Eurínome, a Grande-Partilha.

Se a primeira filha da Terra fecundada por Zeus explicitava sua firmeza por um viés moral, a potência fecundante da Terra encontra-se em sua neta e irmã de Zeus: Démeter. Démeter gera de Zeus Perséfone, deusa que será esposa de Hades (Plutão), irmão de Zeus a quem coube o mundo inferior (lar das sombras dos mortos), como a semente que vive no interior da terra para que brote em vida.

Pela Memória (Mnemosyne) vêem à luz as nove musas: Calíope, Polímnia, Cleo, Euterpe, Talia, Melpomene, Terpsícore, Érato e Urânia. Somente as filhas da memória e do poder poderiam dar aos rapsodos o canto presentificador, e por que não dizer, acontecedor do mundo humano e divino.

Os próximos filhos de Zeus serão aqueles que reinarão no Olimpo. Apolo e Ártemis, cujo brilho reflete a natureza de sua mãe Leto, são os deuses flecheiros identificados com o Sol e com a Lua respectivamente. Apolo é o deus da verdade e das revelações enquanto Diana se liga como senhora das feras selvagens. Ares (Marte), o homicida deus da guerra; Hebe, a deusa da eterna juventude e Ilítia, deusa custódia dos partos são os filhos de sua irmã-esposa Hera. O astuto deus dos ladrões e comerciantes Hermes (Mercúrio) – filho da atlântide Maia – e Diôniso (Baco), concebido pela mortal Sêmele e gerado pelo próprio pai, encerram esta linhagem dos deuses olímpicos.

4 – A Raça dos Homens

Os autores nos trazem versões sutilmente distintas sobre a gênese e a existência do homem, contudo há concordância em alguns aspectos: o mais interessante deles é a *fabula* das idades ou raças do homem. Segundo o mito hesiódico, são cinco as raças do homem: a raça de ouro, a raça de prata, a raça de bronze, a raça de heróis e a raça de ferro. Estas estão numa escala decrescente de privilégios.

A raça de ouro é uma raça cuja origem remete aos primórdios do mundo com Urano. É uma raça sem indicação exata de origem, o que nos leva a pensar que se trata de um gênero de seres ctônicos. Estes por viver em presença da superabundância primordial da teofania urânida, viviam em copiosidade de bens e não ameaçados por sofrimentos e morte, esta vinha como um sono – lembrando que é exatamente ela que os distinguia dos deuses – sem os sinais de degeneração da velhice ou das enfermidades. Estes homens não se extinguíram, mas continuaram a existir numa outra existência – as ilhas dos bem-aventurados – insulados na soberania de Crono, que foi, não extinta, porém, exilada da existência regida por Zeus.

A raça de prata é o gênero de homens – homem usado como equivalente de varão – criados pelo engenho de Prometeu: titã filho de Jápeto e a ocêanide Clímene, cujo nome traz o significado de seu atributo mais marcante, a pré-ciência. Prometeu, que segundo Ésquilo², ajudara Zeus a vencer os titãs tentando uma raça semelhante aos deuses e alheia a seus conflitos e a suas guerras, esculpe da terra o gênero de seres que constituem a raça de prata. Prometeu, não em vão se torna o mito, talvez, mais caro aos românticos uma vez que, nele, mais que em qualquer outro lugar, está representada a insolência contra o poder de Zeus em nome do afeto por sua criação. Neste mito é explícito o conflito entre o curvo pensar

² *Prometeu Acorrentado*

caracterizador da teofania dos titãs – aqui representada por Prometeu – e o grande espírito legislador de Zeus.

O primeiro movimento do tabuleiro se realizou em Mecona, quando se discerniam as oferendas para os deuses e para os homens. A “dolosa arte” de Prometeu dispôs os ossos do boi cobertos pela banha de maneira apetecível e as carnes e vísceras cobertas com o ventre para que Zeus escolhesse a parte que mais lhe exultasse. Há aqui de fazer-se uma reflexão e de perceber-se as duas naturezas em conflito: de um lado a astuta pré-ciência de Prometeu que sabe a opção de Zeus – e seus possíveis desdobramentos – e, do outro lado, a grande sabedoria de Zeus, cuja percepção e prudência permite-lhe tomar as decisões acertadas mesmo sem conhecer sua verdadeira face. Zeus toma os ossos que lhe inflamaram os ânimos contudo, está presente neste gesto uma simbólica mais oculta: é nas carnes e nas vísceras que se faz mais presente a decrepitude de que o homem será vítima enquanto ser come-pão, os ossos, por outro lado, trazem a marca da perenidade dos deuses que se alimentam de néctar e ambrosia.

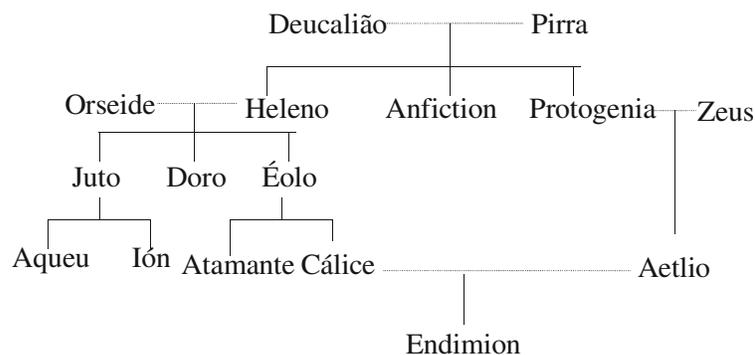
Embora haja vantagem, no primeiro lance, para Zeus, este, em castigo à ousadia dos homens, toma-lhes o fogo com que poderiam desenvolver suas artes e tornar-se menos dependentes dos dons dos deuses. O ousado titã, entretanto, ocultou o fogo na férula oca e entregou aos homens. A isto, Zeus reagiu com castigos distintos aos homens e a seu criador: a este, o Cáucaso, àquele, a mulher. Hefesto forjou um ser par às deusas, Afrodite a cobriu de graças, Palas Atena ensinou-a artes e Hermes lhe deu dissimulada conduta. Pandora, portadora da funesta caixa com os males ao homem, é dada a Epimeteu – duplo oposto de seu irmão Prometeu – que abre a caixa permitindo que os males saíssem, exceto um, a expectativa – o saber do vindouro, futuro sempre aziago ao homem – contida por Prometeu para que homem pudesse ter esperança.

O que mais há de ser observado na figura de Pandora é a ambigüidade que encerra ao ser o “irresistível mal aos homens comedores de pão”, um mal que os homens hão de amar e mimar. O mal reside na óbvia inferioridade feminina enquanto força produtiva – daí a comparação que recebe com os zangões que se alimentam de esforço alheio – e o bem merece uma breve reflexão. Pandora é tão irresistível quanto o Eros que traz consigo. É este Eros que a faz ser amada e mimada pelos homens e é este Eros que corrigirá a *Hybris* – ato de transgressão que deve ser, e é, alvo de punição dos deuses – que constitui a criação do homem pelo engenho de Prometeu, criação, lembremos, que se assemelha à reprodução esquizogenética do Caos. A reprodução da nova raça de homens, a raça de bronze, se faz pelo Eros, pela união, em acordo com a ordem olímpica.

Esta raça, segundo Ovídio³, foi exterminada por Zeus por sua impiedade. O autor romano conta que Licaon cometeu o sacrilégio derradeiro ao servir a carne de mensageiros estrangeiros a Zeus. Este, a fim de proteger as divindades que não residiam no Olimpo dos atos malignos dos homens, decide por lançar sobre a terra um dilúvio. Ao dilúvio, sobreviveram Deucalião – homem criado, ainda, por Prometeu – e Pirra – filha de Epimeteu e Pandora. Ambos tinham, já, a idade de algumas gerações e não poderiam sozinhos repovoar o mundo então, Hermes os ensinou a gerar homens jogando os ossos da mãe para trás. Deucalião arrojou pedras por sobre a cabeça e destas nasceram homens. Mulheres nasciam das pedras lançadas por Pirra.

Estava inaugurada a raça dos heróis, que, para alguns, não é senão um desdobramento da raça de ferro.

É dessa grei de homens que narram os mitos de heróis, viagens e combates com monstros. Esta raça é que funda os povos que ficariam conhecidos como gregos e aqueles que os próprios viriam a chamar bárbaros – muito embora não haja referência a muitas fundações mas, apenas, a desbravamentos. Os descendentes de Deucalião serão fundadores de povos:

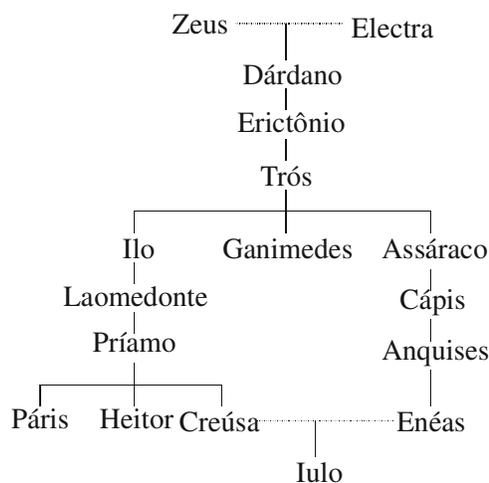


Heleno, que distribuiu seus filhos pela península balcânica, denominou helenos os habitantes do lugar – até hoje Hellás. Quanto ao nome “gregos” há certa discrepância nas histórias. SEPÚLVEDA (1985) marca, a partir de escolhos que registram a existência de um neto de Deucalião chamado Grego, a mudança de denominação no século XVI a.C.. Anfiction reinou na Ática, Aqueu deu origem aos aqueus do norte do Peloponeso, Ion funda a Jônia, Doro dá origem aos dórios na região que divisa ao sul com o Peloponeso, Eolo funda a Tessália, Endimion deixou a Tessália e fundou a Élide e Atamante funda a Beócia. Somados estes a Europa, princesa levada por Zeus à Creta cujo filho Minos reinou em Creta, a Grécia, propriamente dita, está perfeita.

³ *Metamorfoses*

Resta o Oriente e a Hespéria, motivos de grandes poemas cíclicos. O Oriente Próximo receberá Agenor, descendente de Io (um dos vários amores mortais de Zeus). A longínqua Cólquida nos remeterá a história de Atamante. Este, tomado de desejo por Hera, é enganado por Zeus que lhe oferece uma mulher de nuvens, Néfele. Néfele dá-lhe Frixo e Hele. Mais tarde Atamante casa-se com Ino a qual trama um ardil para que o marido sacrificasse os filho de Néfele. Salvos por Hermes, Frixo e Hele partem rumo ao Oriente montados num carneiro de ouro. Hele cai no mar que passa a dar nome e Frixo chega à longínqua Cólquida (região ao sul dos Urais). Lá, associa-se a Etes, filho do Sol, sacrifica o carneiro do qual é retirado o famoso Velo de Ouro.

A fundação de Tróia está ligada à fundação de Roma e do povo Latino pela seguinte genealogia:



Filha de uma oceânide Electra gerou Jasão e Dárdano. Após a morte do primeiro por Démeter, o segundo abandonou as ilhas da Samotrácia rumo à atual Turquia, lá foi acolhido por Teucro – filho do Escamandro e da ninfa Idea – e seu neto Trós dá nome a toda região dos dardânidas (Tróia) e o filho deste, por sua vez, fundará a cidade Ílion de seu nome Ilo.

A guerra de Tróia marca o fim da idade dos heróis. Após a queda do rei Príamo, poucos heróis sobreviveram ao retorno (e inúmeros encontraram a morte das planícies troianas) a lenda de Enéas constitui uma das últimas histórias desta mitologia. Enéas deixará Ílion em chamas e se dirigirá ao Lácio, terra na qual Electra engendrou Dárdano e lá dará início à nação romana (seu filho Iulo será o primeiro da *gens Iulia*, família de César).

Todos os autores que chegaram até nós se diziam da idade de ferro, a mais infeliz de todas e anunciavam a profecia do retorno a Idade de Ouro.

5 – História e Antropologia

No IV milênio antes de Cristo, uma sociedade desenvolveu-se ao norte do Mar Negro e, por várias ondas, avançou por quase toda a Europa e pelo sul do continente asiático conquistando povos e impondo sua organização social e sua estrutura religiosa. A religião desse povo, a qual se tornou, de certa forma, a religião de uma imensa porção de terra, estruturava-se segundo um esquema no qual os deuses se organizavam em três funções que, por sua vez reproduziam – ou eram reproduzidas – muito de sua sociedade.

Esta cultura, a que chamamos indo-européia, privilegiou uma casta de sacerdotes que faziam o intermédio entre os mundos material e sobrenatural e uma casta de guerreiros que fizeram do cavalo uma excelente arma de guerra em detrimento da classe de camponeses ligados propriamente, à produção de riqueza e sustento da sociedade. Na mesma situação os deuses destes povos encontravam-se, segundo o que nos aponta DUMÉZIL (1970) a partir dos estudos nas culturas hindu, nórdica, romana e iraniana. As divindades representantes da soberania e poder mágico, assim como as divindades representantes da força e da guerra, encontravam-se em posição vantajosa em relação às divindades ligadas à copiosidade de bens e propagação da vida.

Assim como no norte europeu, esta estrutura conservou-se por bom período em Roma, o que não aconteceu na Grécia. Uma cultura bem diversa da dos indo-europeus já encontrava-se consideravelmente desenvolvida na península e nas ilhas. Uma cultura de influência anatólica, cultuadora da Deusa Mãe – portanto, matriarcal – e com fortes indicadores de uma preocupação com o além túmulo. O período micênico pode ser considerado uma espécie de ruptura no caminho que os indo-europeus faziam, uma vez que o *rix*, *rex* ou *raja* não terá lugar no encontro dessas duas sociedades – embora os patriarcais se imponham – mas o terá o *wanax*. O rei incorporará funções sacerdotais e nas palavras de TRABULSI (1992) “Os santuários são praticamente um anexo do tesouro real”. Essa mesma fusão acontece na teologia grega que passa a ter da antiga trifuncionalidade não mais que vestígios os quais se acentuam com a invasão dória.

Neste período já há sinais do que seria o grande império romano, por ora só um povoado situado entre os Etruscos, povo proveniente da Anatólia e que se espalhou ao longo do Vale do Pó, e a Magna Grécia, colônia grega no sudeste da Itália. Os romanos, também um povo indo-europeu, assimilaram aspectos das duas culturas – inclusive com uma espécie de sincretismo perfeitamente aceitável no politeísmo – sem, no entanto, perder características religiosas que os diferirá tanto de gregos quanto de etruscos.

Enquanto isto, na Grécia da idade obscura, parece tentar haver uma tentativa de síntese entre as divindades indo-européias, aborígenes e ctonianas (divindades recém chegadas do oriente como Apolo e Afrodite) se observarmos os primeiros textos que nos chegaram: Homero e Hesíodo. Aí percebemos que a relação entre os deuses não é mais como as pesquisas de Dumézil apontam sobre os deuses indo-europeus, i.e., uma estrutura teológica, mas uma relação mitológica, já rica das histórias de deuses e seus desejos que tornam o panteão um simulacro do mundo humano na nascente pólis.

O surgimento da pólis e as mudanças sociais que ela acarreta, principalmente a ascensão da aristocracia em detrimento da monarquia, transformam consideravelmente a religião revalorizando o culto dos heróis e do além túmulo. Há que considerar o advento da filosofia junto à pólis o que traz reconfigurações na crença do mito como a abstração da divindade realizada pela filosofia jônia e as teorias de Evêmero. Ora, mais que nunca, os mitos dos heróis são uma afirmação ideológica da aristocracia que sustenta sua ascendência e a imortalidade dos *aristhoi*. O clímax desta tendência política dos mitos é a organização, pelos sábios de Alexandria, dos mitos gregos em cinco grandes ciclos (todos eles ligados, de uma maneira ou de outra, às famílias aristocráticas): tebano, ático, cretense, argólida e tessálio. Desnecessário dizer que esta organização não exterminou as versões variantes do mesmo mito, apenas tentou organizá-los de maneira mais coerente, contudo há de lembrar-se sempre que aquele politeísmo não controlava a crença do povo, o que permitia uma livre variação de histórias, facilitada pela geografia da região.

6 – Conclusão

Há 20 anos, ao fim do primeiro Congresso Nacional de Estudos Clássicos no Brasil, o Prof. Jacyntho L. Brandão deparou-se com a pergunta de um repórter: *Por que o Édipo?*. É esta a pergunta que persegue-nos e possivelmente continuará a nos perseguir por muito tempo. SERRA (1999):

(..) como é que *mentiras* cuja falsidade já se tem por demonstrada há séculos, ainda assim não se apagaram da memória coletiva, não desapareceram diante da certeza adversa? Se sua pretensão à verdade, e até à verossimilhança, foi desmoralizada, porque os mitos gregos não foram esquecidos? Por que esses mitos foram conservados, sendo rejeitados?

As respostas, invariavelmente, passam por algo como “esse pensamento é o inaugurador do nosso pensamento” ou “falamos da origem da cultura ocidental, da nossa

história portanto”. Não espero invalidar qualquer uma dessas possibilidades, muito pelo contrário, quero reafirmá-las e, se possível, reiterar seu valor. Entretanto, como afirmou aquele professor, nossa insistência tem haver com a insistência de domesticação do mundo pelo homem. Tanto os mitos antigos quanto a ciência moderna são tentativas de fazer do mundo a casa (lat. *domus*) do homem, de dominá-lo. A nossa busca por esses mitos é tão somente a repetição de perguntas que o tempo não respondeu, perguntas que dizem respeito à existência humana, seus conflitos e temores, coisas que pouco, ou nada, mudaram ao longo destes seis mil anos que nos separam do começo desta história.

Bibliografia Citada

- APOLODORO. **Biblioteca**. Tradução e Notas: Margarida Rodríguez de Sepúlveda. Madrid, Gredos, 1985.
- BRANDÃO, Jacyntho L.(org.). **O Enigma em Édipo Rei**. Belo Horizonte, UFMG/CNPq, 1985
- DUMÉZIL, Georges. **Los Dioses de los Indoeuropeos**. Tradução María Ángeles Hernández. Barcelona, Seix Barral, 1970.
- DUMÉZIL, Georges. **Mito y Epopeya**. Tradução Eugênio Trias. Barcelona, Seix Barral, 1977.
- HESÍODO. **Teogonia**. Tradução e Estudo: Jaa Torrano. São Paulo, Iluminuras, 2003.
- SERRA, Ordep José Trindade. **A Antropologia, a Mitologia e sua Escrita**. *Clássica*, 11/12: 15-36, 1998/99
- TRABULSI, José Antônio Dabdab. **Religião e Política na Grécia: das Origens até a Pólis Aristocrática**. *Clássica*, 5/6, 133-147, 1992/93.

Bibliografia Sugerida

- ÉSQUILO. **Tragédias**.
- EURÍPEDES. **Tragédias**
- FLACCUS, Valério. **Argonáutica**.
- HESÍODO. **Os Trabalhos e os Dias**.
- HOMERO. **Hinos Homéricos**.
- HOMERO. **Ilíada**.
- HOMERO. **Odisséia**.
- NONNOS. **Dionisíaca**.
- OVÍDIO. **Fastos**

OVÍDIO. Heroides.

OVÍDIO. Metamorfoses.

PAUSÂNIAS. Descrição da Grécia.

PLAUTO. O Anfitrião

SÊNECA. Tragédias.

SÓFOCLES. Tragédias.

STATIUS. Tebaida.

VIRGÍLIO. Eneida.

VIRGÍLIO. Geórgicas.